



Pela mão da intérprete Irene Caiabi, Apoena deixa o aeroporto

Xavantes trazem presentes para o túmulo de Meireles

Quero ver o túmulo de Meireles. Apoena, o velho cacique xavante, não se assustou com o Aeroporto Santos Dumont e o movimento — um Electra repleto acaba de aterrissar. Pensava que todos estavam ali para recebê-lo e dizia, a todo momento, que só viera para ir ao local onde está enterrado o sertanista Francisco Meireles.

Com ele, chegaram também Parrôri, Sibopá e Uarodi, todos xavantes, este último seu filho e que esteve no Rio no funeral do sertanista. Hoje, os quatro irão ao túmulo de Meireles, para deixar lá um cilindro de madeira branca, muito polida — uamárin — como última homenagem da tribo a quem sempre os tratou muito bem.

NO MEIO DO FILHO

O primeiro contato com os índios xavantes foi feito pelo sertanista Francisco Meireles, que continuou acompanhando a tribo até a sua morte. Ele se afeiçoou muito a estes índios e do velho cacique Apoena, aproveitou o nome para seu próprio filho — Apoena Meireles, que hoje continua o trabalho do pai.

Já ouvindo com dificuldade, cabelos brancos cortados rente, ao contrário de seus três acompanhantes, o cacique Apoena pôde explicar, ainda no Aeroporto Santos Dumont (veio de Mato Grosso num avião da Funai), que não lhe fora possível visitar Meireles durante sua doença, mas que agora precisava ir até o seu túmulo.

CURIOSIDADE

A chegada dos xavantes ao Santos Dumont despertou muita curiosidade. Eles trouxeram arcos, flechas, cestos, bordunas e cocares, para dar de presente a amigos de Meireles e só concordaram em sair do aeroporto junto com esta bagagem. Chegaram às 12h 30m e só meia hora depois conseguiram entrar no carro da Sra. Eunice Cariri, encarregada da Casa do Índio, que foi recebê-los.

Extremamente amáveis e sorridentes, andavam de mãos dadas e faziam questão de abraçar outras pessoas. Homens e mulheres, que se juntaram logo à sua volta, tentavam conversar por gestos, entre exclamações de espanto: "Sempre ouvi dizer que os índios eram hostis." Uma intérprete da Funai, Irene Caiabi, se desdobrava para atender aos índios e curiosos.

O cacique Apoena não parece ter gostado muito do aeroporto, pois perguntou à intérprete Irene se ela (índia afastada da tribo Caiabi há muito tempo) gostava dali e se era ali sua casa. Os outros três, preocupados com os presentes que trouxeram, achavam que o local estava muito barulhento, difícil de conversar.

Depois, já na Casa do Índio, na Ilha do Governador, ficaram um pouco mais à vontade. Explicaram, então, que tinham vindo para prestar uma homenagem da tribo a Meireles, de quem gostavam muito. Mostravam-se, a todo momento, interessados em trocar arcos e flechas por espingardas e munição (todo xavante, segundo os funcionários da Funai, fazem estes pedidos).

NO TUMULO

Os presentes que trouxeram serão levados hoje para o túmulo de Francisco Meireles, onde os xavantes vão repetir a cerimônia fúnebre da tribo. O cilindro de madeira branca polida que deixarão lá será uma espécie de lembrança da tribo — como a cruz é um símbolo dos brancos, explicou Uarodi, que teve de juntar o cilindro a uma borduna, para mostrar dois paus cruzados.

Esta é uma homenagem muito especial da tribo que, conforme revelaram, na tradução da índia Irene, não usa este cilindro de madeira para seus próprios mortos. Na bagagem dos xavantes, bem enrolados em esteiras, havia ainda outros objetos destinados ao túmulo.

"INERI-JUA"

O cacique Apoena chegou pronto para ir logo visitar o túmulo de Meireles. Vestia roupas comuns — calça cinza, blusa de lã e uma japona azul — mas tinha o pescoço envolvido pelo ineri-jua, corda amarrada com pontas formando um pompom. Segundo um funcionário da Funai, é o correspondente, em xavante, à gravata do homem civilizado.

Usava, ainda, na altura da nuca, uma pequena pena colorida e os dois detalhes — pena e ineri-jua — são muito importantes para qualquer cerimônia dos xavantes. Os índios manifestaram o desejo de permanecer no Rio o menor tempo possível; só querem visitar Meireles, voar para Brasília e dali de volta ao Rio das Mortes, no posto Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, de onde vieram.

Funai convida missionários

Brasília (Sucursal) — A Funai convidou missionários protestantes a fazer os trabalhos de educação e comunicação com os índios encontrados em toda a região da Perimetral Norte.

O missionário evangélico James Wilson, norte-americano, que integra a missão do Summer Institute of Linguistics, confirmou os entendimentos com a Funai e manifestou sua preocupação com os indígenas da região, diante do contato com frentes pioneiras nem sempre preparadas para compreender a cultura indígena.

REUNIÃO

O Summer Institute of Linguistics edita cartilhas e textos bíblicos, inclusive livros completos sobre o Novo Testamento na língua dos índios e em seguida oferece a eles uma "opção religiosa".

— Se pudessemos prever que o Governo brasileiro iria abrir uma estrada

como a Perimetral Norte, cortando um número imprevisível de pequenos mundos indígenas na Amazônia, teríamos ido para lá há uns 10 anos — comentou o missionário.

No Brasil, o Instituto está atuando desde 1956 e agora resolveu estimular a incorporação de auxiliares brasileiros, convocando líderes evangélicos de todo o País — que estarão reunidos hoje em Brasília para conhecer de perto o trabalho da entidade.

O Summer Institute atua em 24 países que abrigam populações primitivas, num trabalho que abrange 550 povos tribais. O maior número de missionários encontra-se na Nova Guiné; em seguida vem o México, depois o Peru e o Brasil. Os grupos de missionários são formados por evangélicos de várias nacionalidades, mas predominam os norte-americanos, ingleses, alemães, suíços e canadenses.

Vilas Boas confirma loteamento

São Paulo (Sucursal) — O sertanista Orlando Vilas Boas disse ontem que a denúncia do Padre Egidio Schwaiden — secretário do Conselho Indigenista Missionário — de que o Parque Nacional do Xingu se encontra totalmente loteado é verdadeira e demonstra a presença positiva da Igreja na luta pela defesa do índio.

A descoberta não é recente, segundo o sertanista, e o sistema de loteamento foi irregular: as companhias de colonização, não podendo adquirir grandes áreas, recorreram a nomes forjados de pessoas físicas, comprando grandes extensões de terra em Mato Grosso.

CULTURA INTATA

O decreto presidencial criando o parque fez cessar a penetração, mas não retirou das empresas a ambição de

ocupar e explorar a região tão logo seja oportuno, expulsando de lá os índios.

— Há mais de 10 anos estamos advertindo de que a passagem de estradas no interior do parque acabaria atingindo a cultura indígena. Lá existem 15 tribos conhecidas — das quais 11 pertencem ao chamado Grupo Xinguano, de traços culturais aproximados — explica Orlando Vilas Boas.

Os índios do Parque Nacional do Xingu constituem, para os antropólogos, uma das melhores amostras de cultura indígena em todo o mundo — ali se encontram os mais expressivos grupos linguísticos, como o Aruaque, o Tupi e o Gê. No parque, por inspiração dos irmãos Vilas Boas, adota-se a atitude de respeito absoluto à cultura do índio, sem iniciativas que visem a integrá-lo na civilização.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: Xavante 22

Data: 28.09.73

Pg.: 1^a, 14



Uarodi, o cacique Apoena, Parrôri e Sibopá vieram prestar a homenagem do povo xavante a Francisco Meireles